

**A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DE NACIONALIDADE EM *TERRA*, DE
ELIANE POTIGUARA**

**THE SYMBOLIC CONSTRUCTION OF NATIONALITY IN *TERRA*, BY
ELIANE POTIGUARA**

Kátia Carvalho da Silva Rocha ¹

Ana Karolyne Oliveira Sousa ²

RESUMO

A literatura indígena, historicamente invisibilizada e reduzida a registros folclóricos ou etnográficos, foi marginalizada pela estrutura colonial que negou legitimidade às vozes originárias. Na contemporaneidade, entretanto, observa-se um movimento de afirmação dessa produção, que emerge como denúncia das violências históricas e, ao mesmo tempo, como prática estética e política marcada pela multiplicidade. Nesse contexto, a escrita de Eliane Potiguara se destaca por ressignificar memórias ancestrais e afirmar identidades coletivas, mobilizando símbolos da natureza como expressão de pertencimento, afetividade e nacionalidade. No presente artigo analisamos o poema *TERRA* (2018), buscando evidenciar a força simbólica das imagens poéticas na construção de um discurso de resistência e de afirmação cultural. A partir das perspectivas teóricas apresentadas por Grauna (2012), Thiel (2013), Dorrico, Danner e Danner (2020), entre outros. Desta forma, busca-se contribuir para o reconhecimento e valorização da literatura indígena no campo acadêmico, destacando sua relevância como ação político-social e estética, onde passado e presente se encontram para projetar novas perspectivas de sentidos.

Palavras-chave: Literatura Indígena; Escrita Contemporânea; Identidade nacional.

ABSTRACT

Indigenous literature, historically rendered invisible and reduced to folkloric or ethnographic records, was marginalized by the colonial structure that denied legitimacy to Indigenous voices. In contemporary times, however, there has been a movement toward the affirmation of this literary production, which emerges both as a denunciation of historical violence and as an aesthetic and political practice marked by multiplicity. In this context, the writing of Eliane Potiguara stands out for re-signifying ancestral memories and affirming collective identities, mobilizing symbols of nature as

¹ Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLe da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão/UEMASUL, Imperatriz-MA.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLe da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão/UEMASUL, Imperatriz-MA.

expressions of belonging, affectivity, and nationality. This article analyzes the poem *TERRA* (2018), seeking to highlight the symbolic strength of poetic imagery in the construction of a discourse of resistance and cultural affirmation. Drawing on the theoretical perspectives presented by Grauna (2012), Thiel (2013), Dorrico, Danner, and Danner (2020), among others, this study aims to contribute to the recognition and valorization of Indigenous literature within the academic field, emphasizing its relevance as a political-social and aesthetic action in which past and present converge to project new perspectives of meaning.

Keywords: Indigenous Literature; Contemporary Writing; National Identity.

Considerações iniciais

Por muito tempo, a literatura indígena permaneceu invisibilizada no cenário literário brasileiro, frequentemente reduzida a registros folclóricos ou etnográficos, em detrimento de seu reconhecimento enquanto criação literária. Esse apagamento é reflexo de uma estrutura histórica colonial que marginalizou as vozes originárias e lhes negou a legitimidade nos circuitos cultural e acadêmico.

Na contemporaneidade, entretanto, observa-se um movimento de destaque dessas literaturas, cada vez mais potente, que reivindicam o lugar de visibilidade. Tal movimento, contudo, não se dá de forma simples, pois carrega em si o peso da luta e enfrentamento de preconceitos que silenciaram por séculos suas vozes. Nesse contexto, a literatura indígena se inscreve não apenas como grito de denúncia das violências históricas, mas também revela a sua potência criativa, configurando-se como uma escrita de expressividade simbólica marcado pela multiplicidade.

Esse fazer literário revela ainda a riqueza de suas temáticas que entrelaçam o sujeito e o território como construção simbólica de pertencimento. Nesse cenário, a escrita de Eliane Potiguara é uma expressão literária e ação política. Autora indígena, professora, ativista e contadora de histórias ressignifica em suas obras as lutas históricas dos povos indígenas, assim como utiliza das palavras para trazer visibilidade à afirmação de identidade, individual e coletiva, por meio da memória ancestral.

Sob essa perspectiva, o presente artigo tem por intuito analisar o poema *TERRA*, de Eliane Potiguara (2018), evidenciando como a autora mobiliza os símbolos da natureza para reconstruir representações de pertencimento e de brasilidade na poesia. Com base nas explanações teóricas de Grauna (2012), Thiel (2013), Dorrico, Danner e

Danner (2020), e outros, buscaremos contextualizar a literatura indígena no cenário literário brasileiro, destacando a demanda por reconhecimento, assim como analisaremos como a escrita pode ser prática de resistência política e afirmação identitária.

Desse modo, este estudo buscará contribuir para o (re)conhecimento e valorização da literatura indígena no cenário acadêmico. Visto que, se faz necessário possibilitar reflexões a respeito da importância da literatura indígena enquanto ação política e social. Assim como também, faz-se necessário perceber sua dimensão estética, ao evidenciar a força simbólica que se manifesta nas imagens poéticas presentes no texto.

A palavra é resistência: um passeio pela literatura indígena brasileira.

A palavra indígena, em suas múltiplas formas de expressão, sempre foi um elemento de resistência. Grauna (2012, p. 269) afirma que, “Muito antes da colonização, a vocação enunciativa dos povos indígenas, isto é, a palavra indígena ecoa como sinal de sobrevivência e continuará ecoando contra os conflitos gerados pela cultura dominante”. Neste sentido, a palavra para os indígenas é, portanto, o meio de luta simbólica para a preservação da memória e cultura, afirmação identitária e de enfrentamento às narrativas coloniais.

No Brasil, o panorama das produções culturais, artísticas e literárias, por séculos, sistematicamente excluíram os povos indígenas. A eles foi negado o direito à autoria e à autodeterminação de suas narrativas, sendo submersos no processo de silenciamento. No literário suas representações foram, frequentemente, elaboradas a partir do olhar do outro, o não-indígena, que os reduzia a construções estereotipadas e folclóricas, dissociadas de suas realidades culturais.

Segundo Dorrico, Danner e Danner (2020) as culturas indígenas, embora fundamentais para a constituição da literatura e da identidade nacional, foram relegadas à marginalização social. Os autores pontuam que,

As culturas indígenas foram historicamente matéria-prima para a composição da literatura brasileira. Apesar deste patrimônio imaterial contribuir para a constituição da cultura nacional, os povos e sujeitos

originários foram exilados à margem da sociedade, quase como se o fato de viver à margem do rio prenunciasse seus próprios destinos. Até praticamente finais do século XX apareceram basicamente como objetos teórico-políticos, como representação extemporânea e alienígena. (Dorrico; Danner; Danner, 2020, p. 238)

Deste modo, nota-se a evidente e violenta tentativa de apagamento da presença indígena na produção escrita nacional, desconsiderando suas narrativas e vozes e os reduzindo a um lugar periférico. Essa marginalização se traduz na exclusão social e, conseqüentemente, literária, visto que, até o final do século XX, os povos indígenas foram retratados de forma desconhecidas pela própria nação. Portanto, é observável que dentro da tradição literária brasileira, os povos tradicionais eram representados, em seus elementos culturais, sem reconhecimento de seus protagonismo ou direito se auto representarem como sujeitos históricos e estéticos.

Thiel (2013, p. 1178), apresenta um breve panorama de representações do indígena na literatura brasileira, configurando-se em três perspectivas. A primeira determinada como *indianismo*, presente na fase literária do Romantismo, o qual buscava-se construir uma identidade nacional, que o *índio*³ aparecia como personagem que compõe a natureza exótica, e conforme sua submissão ou resistência à cultura colonizadora eram retratados como herói ou vilão. A segunda é a *indigenista* em que as obras literárias destacam os temas relacionados aos povos originários ou reconstroem as suas narrativas, mas assim como a primeira perspectiva, essa também tem por característica uma escrita a partir da visão do outro.

Em terceira perspectiva, a pesquisadora, apresenta uma escrita reconhecida, de fato, como *literatura indígena*, em que a produção literária

(...) é realizada pelos próprios *índios* segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares. As obras indígenas, (...) apresentam uma interação de multimodalidades: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos. Os grafismos indígenas constituem narrativas e devem ser valorizados por sua especificidade, podendo inclusive indicar a autoria do texto indígena, se coletiva/ancestral ou individual. Ademais, a leitura da

³O termo *índio*, historicamente atribuído aos povos originários das Américas pelos colonizadores, configura-se como uma designação homogeneizadora e de caráter pejorativo, por desconsiderar a pluralidade das existências e identidades indígenas. Com a promulgação da Lei nº 14.402/22, que alterou a nomenclatura do tradicional Dia do Índio, celebrado em 19 de abril, para Dia dos Povos Indígenas, consolidou-se oficialmente o uso do termo *indígena*, evidenciando o reconhecimento da diversidade desses povos, bem como o respeito às suas identidades e direitos.

literatura indígena deve levar em conta o entre-lugar cultural dessa produção que está em uma zona de contato e conflito localizada entre a oralidade e a escrita, entre línguas nativas e europeias, entre tradições literárias europeias e indígenas, entre sujeição e resistência (Thiel, 2013, p. 1178, grifo nosso).

Portanto, pode-se observar que a literatura indígena tem singularidades que a difere das demais perspectivas. Tanto pelas suas características estruturais marcadas pela multiplicidade evocativa de elementos linguísticos, performáticos e imagéticos, quanto com relação à autoria, fator determinante para tal recorte literário, pois o *lugar de fala* é uma prática de resistência e ressignificação politizada. Para Ribeiro (2020, p. 78), “Essas autorias são vozes empoderadas, graças ao lugar de onde falam, escrevem e têm as suas origens, histórias, culturas, identidades e sobre(vivências)”.

Nesse sentido, a autoria constitui condição fundamental para a efetivação do projeto de autonomia formulado pelos povos indígenas, uma vez que permite (re)conhecer e valorizar suas diferenças socioculturais (Dorrigo; Danner; Danner, 2020, p. 558). O ativismo dos escritores indígenas surge como expressão de pertencimento e de força ancestral que, ao mesmo tempo em que se ancora na tradição, adapta-se às novas tecnologias para manter viva a identidade. Assim, a literatura indígena brasileira contemporânea afirma-se como espaço dinâmico de preservação e transformação cultural.

Vislumbrando este empoderamento e a representatividade das vozes indígenas, na contemporaneidade, observa-se uma virada significativa de escritores e escritoras indígenas que têm reivindicado seus lugares de fala e consolidado suas produções literárias. Mais do que uma resposta ao silenciamento, essas produções são marcadas pela pluralidade de vozes e perspectivas estéticas que buscam romper preconceitos, afirmar sua presença, autonomia e o direito de narrar as histórias de seus povos.

Do azul-real ao verde-amarelo: imagens de nação pelas lentes de Potiguara.

A palavra indígena contemporânea é ação de ressignificação dos símbolos e das memórias coletivas, fazendo ecoar o passado no presente como canto de permanência e resistência. A escrita torna-se registro de reafirmação cultural e identitária que dialoga com as urgências políticas contemporâneas, por meio dela, autoras e autores indígenas

inscrevem seus gritos que rompem com os silenciamentos e reafirmam sua presença no cenário literário e social.

Nesse panorama, a escrita de Eliane Potiguara surge como uma voz de potência que converte a busca pelo reconhecimento e afirmação identitário em fundamento para a resistência coletiva, além de ressaltar o protagonismo feminino. Conforme Dorrico (2018),

(...) a identidade literária de Eliane denota e conota ancestralidade e resistência política. Isto é, ao mesmo tempo em que enuncia a trajetória de sua vida desde a infância até a militância engajada, as narrativas que fazem parte do arcabouço tradicional do povo Potyguara (e, isso, não se pode inventar), ressignifica de modo criativo na poesia (...) (p. 245).

A palavra poética de Eliane Potiguara, articula imagens da natureza, identidade e memória ancestral. A partir de sua escrita a autora indígena concebe ao território a possibilidade de transcender o seu caráter cenário paisagístico para a ambientação do eu poético e assume uma dimensão de pertencimento, como a exemplo o poema a seguir:

TERRA

Quando eu vi as araras
seus rabos azuis
azul-real
só pôde bater forte o meu coração amante
pela minha terra verdinha.

Eram araras de todos os tamanhos
de tantos gritos
de tantos gestos
e bailavam pelos ares
dando mil voltas e gracejos.
Elas beijavam e conversavam
como os casais românticos
que juram amor eterno.
Eu te vi arara querida
VERDE – AMARELA – AZUL E BRANCA!
Te vi voando
solta
livre
pelos ares.
eras tu mesma
minha terra querida!
(Potiguara, 2018, p. 149).

O poema faz parte da obra *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara (2018). No texto, a autora indígena, utiliza-se da prosa e poética para dar luz as complexidades das relações sócio-históricas que formam a nação brasileira, especialmente, no que diz respeito aos povos indígenas. As palavras de Potiguara confere voz e centralidade a esses sujeitos, recuperando as memórias ancestrais e reafirmando identidades, por meio de uma escrita crítica, sensível e esperançosa a possibilidade de uma tomada de consciência e reparação histórica que oportunize a todos um futuro mais justo e humanizado.

Ao iniciar a leitura pelo título *TERRA*, podemos inferir uma densidade simbólica que se desdobra em diferentes possibilidades de leitura. Quando considerado isoladamente, pode remeter a associação comum ao planeta Terra, o único com recursos que possibilitam a habitação de vida animal e vegetal. Assim como pode sugerir também, a imagem abstrata que transcende o conceito geográfico e é ressignificado como lugar de pertencimento. Nesse sentido, o título evoca reflexões a partir da polissemia da palavra, para compreender as imagens que serão delineadas pelo eu poético ao discorrer dos versos.

Potiguara articula imagens que se organizam em duas dimensões complementares. A primeira corresponde à concepção da terra como espaço natural, dotado de exuberância e pureza, onde a vida se manifesta em sua forma plena, sem a intervenção destrutiva da ação humana. A segunda dimensão diz respeito à construção da terra enquanto território identitário. Nessa fusão entre elementos da natureza e representação simbólica de nação, a poeta estabelece uma leitura da brasilidade a partir do olhar indígena, o pertencimento não se constrói por meio de narrativas oficiais ou políticas estatais, mas pelo vínculo afetivo e espiritual com o território.

Na primeira estrofe, o eu poético revela-se profundamente encantado pela beleza que contempla. A voz poética, como quem observa atentamente a uma obra, descreve a imagem que seus olhos capturam, destacando em primeiro plano a figura de uma ave que, em seu habitat natural, sugere o símbolo de liberdade e esperança. A escolha desta primeira imagem poética aponta para perspectiva particular que será construída pelo eu poético no texto.

Nos versos “seus rabos azuis/ azul-real”, a primeira imagem poética adquire intensidade em forma, cor e poder. Torna-se possível identificar que ave se trata da arara-azul, espécie rara e emblemática da fauna brasileira e que pode ser lida como um desejo de liberdade. A repetição de *azul* não apenas enfatiza o tom da plumagem, como também reforça a imagem de livre-arbítrio, infinitude e grandeza, assim como se apresenta o azul do céu, mar e o horizonte. A expressão *azul-real* reforça o tom de majestade e valor sublime à imagem, ultrapassando a simples descrição zoológica e estabelece uma relação simbólica com o azul da bandeira nacional, antecipando a representação da pátria que se desenvolverá posteriormente.

Na primeira estrofe, as cores tornam-se metáfora da ligação visceral da voz poética com a terra, marcada pela contemplação e exaltação emotiva dos elementos da natureza. Nos versos que finalizam a estrofe diz: “só pôde bater forte o meu coração amante/ pela minha terra verdinha”, para o eu poético os sentimentos são despertados quando o íntimo, representa metafórica do coração, encontra em vibração quando em consonância com a paisagem, visto que, segundo a cosmovisão dos povos originários o território é extensão da vida, inseparável da coletividade.

Segundo Grauna (2012, p. 272), as noções de *meio ambiente* e de literatura indígena configuram influências mútuas, pois reforçam a consciência do nosso estar no mundo e afirmam a construção de nossa identidade. Nesse sentido, as imagens de natureza apresentadas na primeira estrofe do poema situam o eu poético como observador desse espaço, por sua exuberância natural, este cenário paisagístico que encanta e deslumbra sustenta a construção simbólica do poema.

A segunda estrofe, o eu poético apresenta uma nova imagem tipicamente brasileira: a pluralidade. Os versos “Eram araras de todos os tamanhos/ de tantos gritos/ de tantos gestos/ e bailavam pelos ares/ dando mil voltas e gracejos” sugere uma aproximação das aves ao povo brasileiro. Essa representação poética remete à complexa construção da população brasileira, marcada pela diversidade de povos que chegaram ao novo mundo.

Em perspectivas de contexto histórico, a formação do povo brasileiro é resultante do processo de colonização de distinto povos que migraram de forma espontânea, em busca de melhores condições de vida ou novas oportunidades, enquanto

outros foram violentamente trazidos à força. A chegada e ocupação da terra desconhecida, e já habitada, foi abrupta e opressiva, não apenas constituiu a composição demográfica do território, mas também estabeleceu as bases para um encontro de culturas, línguas, tradições e cosmologias distintas. Ao longo do tempo, essas diferentes matrizes culturais se entrelaçam, dando origem a uma sociedade marcada pela pluralidade característica essencial da identidade brasileira.

Nesse sentido, a imagem apresentada nestes versos, pode ser lida em duas vertentes que se complementam. Em primeiro pelo viés da própria formação social do Brasil: múltipla e dinâmica na coexistência das diferenças. E em segundo, como o movimentar-se do povo brasileiro, ao seu estado inerente de alegria e festividade fazendo jus aos estereótipos. Ainda nestes versos, é interessante que as palavras *gritos*, *gestos* e *gracejos* criam um movimento sonoro e rítmico a partir da repetição de sons que nos envolve como a própria ação de *bailar*.

No trecho “Elas beijavam e conversavam/ como casais românticos” o eu poético projeta sobre as araras uma dimensão afetiva, à medida que faz uso da personificação. Ao humanizar as araras, reforça-se a imagem proposta nos versos anteriores, pois evidencia a expressividade e a solidariedade presentes no povo brasileiro. Ao apresentar esta perspectiva romântica, a voz poética revela uma linguagem amorosa, do povo para com a nação simbolizada, respectivamente, pelas araras e a terra. No verso “que juram amor eterno”, reitera o vínculo profundo e duradouro que os une, o amor à pátria configura-se como resistente e transcendente ao tempo, simbolizando uma relação de pertencimento e identificação permanente com o território.

A sequência de versos que finalizam a estrofe, concretiza a imagem poética de conexão entre o espaço de natureza e a identidade nacional. Em “Eu te vi arara querida/ VERDE – AMARELA – AZUL E BRANCA!” remetem a visualização dessa imagem criada ao longo do poema, partindo da percepção e do sentimento patriótico se intensifica e se confirma por meio da personificação da arara. Esta que antes simbolizava a exuberância da natureza e, em seguida, o povo brasileiro e nesses versos, a ave se transfigura e consolida como a própria nação, imagem evocada pelas cores do principal emblema de identidade nacional: a bandeira do Brasil.

A grafia em letras maiúsculas e a enumeração das cores explicitam o vínculo entre a arara e a bandeira do Brasil. Essa passagem estabelece a imagem central do poema: a ave é retrato vivo da identidade do território brasileiro. Ela acopla a exuberância da natureza, as faces da multiplicidade étnica e cultural, assim representa simbolicamente a pátria ao carregar consigo as cores nacionais. O eu poético, recria o símbolo nacional afastando-se das ideologias políticas, e ressignificando um símbolo de brasilidade em imagens vivas da natureza com o verde das matas, o amarelo da riqueza, o azul do céu e o branco da paz são condensados na plumagem da arara.

Em “Te vi voando/ solta/ livre/ pelos ares”, a voz poética retoma a imagem de liberdade desejada a nação. As palavras *voando*, *solta* e *livre* criam um paralelismo para reforçar a ideia de uma pátria emancipada, em contraste com o contexto histórico nacional, marcada por processos de colonização e submissão, funcionando como um gesto poético de reivindicação e o desejo de aspiração de futuro com condições dignas e respeitosa a todos.

Nos versos finais, ao afirmar “(...) minha terra querida!”, o *eu* encerra o percurso firmando a imagem poética de que a arara não é apenas símbolo da nação, ela é a própria terra em movimento. Após atribuir a terra algumas personificações no decorrer do texto, a voz poética se percebe dentro desse território e fala a partir de um lugar de afeto e identificação. A *terra querida*, portanto, não é apenas um espaço físico, é um espaço de pertencimento, o qual natureza, o povo e a pátria se entrelaçam poeticamente.

Assim, o poema de Potiguara, configura-se como representação simbólica da brasilidade, as imagens projetadas ressignificam a noção de pátria, enquanto espaço de pertencimento afetivo, político e existencial. A pátria, vista pelas lentes da poeta indígena, não se restringe a um território político, mas se apresenta como corpo vivo, espaço de memória e imaginação coletiva, onde natureza e povo se confundem na busca por liberdade e reconhecimento. Tornando evidente o caráter de ressignificação da escrita para aproximação dos povos indígenas, a partir de uma perspectiva engajada e de visibilidade ao reconhecimento identitário.

Considerações finais

Mais do que simplesmente encerrar a explanação deste estudo, proponho que essas considerações possam ser um convite à ampliação do olhar e da reflexão para as palavras na literatura indígena. Essa escrita transcende a unidade do signo, desdobrando-se em múltiplas possibilidades temáticas e estéticas, revelando o texto como espaço de resistência, memória e potência criativa, onde passado e presente se encontram para projetar novas perspectivas de sentidos.

Assim como podemos observar no poema *TERRA*, de Eliane Potiguara, a expressividade simbólica e estética nesta escrita literária estabelece conexões profundas entre o eu poético, a identidade cultural e a memória coletiva. Por meio de suas próprias lentes a voz indígena resgata e ressignifica as imagens da natureza, cores, elementos da fauna e símbolos da nação como afirmação identitária. A partir do protagonismo da voz indígena, o poema não apenas celebra a biodiversidade e a brasilidade, mas também denuncia a histórica marginalização dos povos originários.

Ao reivindicar a autoria, o direito à palavra e o protagonismo político, escritoras e escritores indígenas expandem os limites do discurso literário, contribuindo para o reconhecimento de suas vozes e para a construção de uma sociedade mais plural, inclusiva e consciente da importância de sua memória coletiva. Neste sentido, é notório a necessidade de se estimular mais leituras, análises e (re)conhecimento das vozes que na contemporaneidade tem lutado e conquistado a abertura de janelas para partilharem suas palavras.

Referências

DORRICO, Julie. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. A literatura indígena brasileira contemporânea: A necessidade do ativismo por meio da autoria para a garantia da autonomia. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo [recurso eletrônico]*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

GRAUNA, Graça. Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. *Educação & Linguagem*, v. 15, n. 25, p. 266-276, jan.-jun. 2012.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. 2 ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

RIBEIRO, Ademario. Literatura indígena, ancestralidade e contemporaneidade: Vozes empoderadas. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo [recurso eletrônico]*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

THIEL, Janice Cristine. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out.-dez. 2013.

Recebido em 30/04/2026

Aceito em 02/08/2026